

No 7

Assig. por Mez 1:000 Rs.



PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO



Na questão Paranaquê
(Cá na nossa opinião)

Veja o fiel da balança,
No peso fica bem certo;

Expediente

O MOLEQUE publica-se quatro vezes por mez

Assignatura

Por mez.....12000. —Pórtre franco.

Pagamento adiantado

Os autographos que nos fõrem remetidos sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Publicações—o que se convencionar

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção do Moleque, á Rua da Constituição n.72—SANTA CATHARINA.

O MOLEQUE

Desterro, 22 de Janeiro de 1885.

Agita-se ultimamente, pela imprensa, uma grande questão politica.

O partido liberal de quem s.ex., o sr. dr. Paranaguá, afastou-se logo que tomou conta da cadeira presidencial, rompeu uma guerra decidida e intensa contra s.ex. e contra o partido conservador que está muito chegado a Palacio e que tem tomado a sua defeza.

Não nos admira isto, porque sabemos perfeitamente o que são as cousas politicas.

Mas entretanto, apesar de nao termos nada com esta ou aquella politica, achamos que o dr. Paranaguá tem caminhado erradamente e sem reflectir, porquanto s.ex. tinha por dever e por obrigação—embora as suas idéas fossem conservadoras—seguir e auxiliar o partido do governo, pois tinha sido nomeado por um gabinete essencialmente liberal.

S. ex., d'esde que chegou aqui, foi rodeado pelo partido contrario, e com elle tem governado até esta data.

Ainda se s.ex. abandonasse as imposições do partido liberal para manter-se n'uma imparcialidade superior e digna, vá lá; mas s.ex. fez mais do que isso, sem ligar-lhe a menor importancia, passou-se para os conservadores, satisfazendo-os em todas as suas exigencias, como provão certas nomeações recentes.

Isto vem provar amplamente que s.ex., não tem sido um presidente justiceiro, recto e amigo do seu partido, mas sim

um inimigo acerrimo d'elle, um couveiro da sua ruina.

Não optamos, como já dissemos, por esta ou aquella politica; mas no entanto não podemos tornarmo-nos indifferentes aos ultimos acontecimentos politicos, por que fazemos parte da imprensa e temos obrigação de discutir todas as questões, ainda as mais insignificantes, de conformidade com as nossas forças.

E, terminando aqui, por falta de espaço e de tempo, promettemos, no proximo numero, que seremos mais extenso e que ellucidaremos com mais firmeza esta importante questão.

Dr. Francisco Caetano dos Santos.

Falleceu na madrugada de 17 do corrente, ás duas horas, este illustradissimo e notavel medico, que era uma das fulgurações da Medicina brasileira.

Ha mais ou menos 5 mezes que elle vivia entre nós, contando numerosissimas sympathias e uma clinica bastante consideravel, porque o seu mérito e as suas aptidões eram muito salientes e amplamente conhecidas.

Conheciamos largamente, intimamente o Dr. Santos: era um organismo superior e distincto, cheio de talento e de coração.

No seu peito, vibravam intensamente todas as dôres, todos os sentimentos.

E, quantas e quantas vezes não o vimos nervoso e inquieto, por saber que alguém soffria, esgotando os ultimos recursos da Sciencia!...

Na epidemia que ha pouco tempo grassou n'esta cidade, derribando milhares de victimas, tivemos occasião de apreciar perfeitamente, a valentia e o effeito grandioso dos vastos conhecimentos médicos do Dr. Santos. Elle não parava um momento, a sua energia era uma cousa extraordinaria.

E muitas e muitas vezes, encontramo-lo jantando á noite, por causa dos continuos afazeres da clinica.

Elle era um dos medicos mais caridosos e mais magnanimos que fomos conhecido.

Na sábia applicação da medicina, elle nunca olhou distincções nem preferencias: sabia acudir ao pobre com o mesmo cuidado e com a mesma presteza, com que accudia ao rico.

Tinha defeitos... Mas agora que elle descança sob a frialdade do tumulo, estendamos uma vasta fila de reticencias sobre isso.

O Dr. Santos era uma individualidadepreciosissima, e por isso morreu.

Que o seu espirito e o seu coração palpitar—segundo as leis profundas do formismo—no corpo delicado de uma ou de uma palma, é o que desejava

Gustavo d'Albano

LITTERATURA

O segredo de Luiza

—Como já era tarde! As cinco horas que tempos que se foram, e elle não Nem ao menos jantara em casa!

O crepusculo entrava-lhe directamente pelas janellas da alcova.

Fazia calor.

Dalli ouvia-se ao longe o vago da cidade, algumas badaladas de quebrando o silencio somnolento da le placido retiro.

Na frente o jardineiro aguava os alarvés, os formosos canteiros debrucados grammas, onde abriam-se as papoulas radas, os finos rainunculos, as azaléas cravos custosos, as ultimas rosas pradaa na exposição.

Nesse instante Paulo entrou

Atravessou o jardim, subiu os dez graus da escada, abriu a aldrava e foi para o escriptorio; lá deixou alguns papeis trouxe e penetrou na alcova empurrando a porta e cerrando-a novamente em seguida.

Luiza não se moveu. Nem sequer virou o rosto para vel-o: tinha duas rugas nas sobrançellas.

Paulo sentou-se junto d'ella na cama, e imminente a tempestade: o menor descomodo podia provocar-lhe o desencadeamento. Comtudo queria fallar, mas como começar?

Profundo silencio enchia todo o quarto cheio de pensamentos e receios.

Essa situação monotona e grave durou já alguns minutos e Luiza não se movia: estava como si naquelle alcova ninguem mais houvesse; sómente ella.

O crepusculo ia perdendo a vivacidade de suas purpuras: subia lenta a noite o céu vo azul do poente.

Paulo levantou-se, foi até ás janellas.

Luiza mirou-o então pelo espelho: ella estava triste e humilde. E como era bello com seu fino bigode preto, a testa ampla cheia de talento, os membros musculosos cheios de vida; corado, com os olhos negros e brilhantes, a bocca cheia de beijos

amorosos e os beijos cheios de amor! Que porte airoso e esbelto! Quanta graça naquella todo! No entanto como ella era má que o desprezava, o collocava naquella posição falsa de estranho, mas nunca de um marido! Por seu respeito é que elle estava assim—humilhado e triste, —elle que era homem e que era livre, elle em quem nada pegava. Sentia-se infame e pequenina no seu egoismo «infantil»; compadecia-se delles, mas era preciso sêr cruel!

Estava afogueada. Largou o *crochet* e abrindo os dedos entre os cabellos jogou-os todos para traz desempenando o corpo na cadeira. Estendeu as pernas, pondo uma sobre a outra; desabotoou os tres primeiros botões do penteador que muito lhe estava aquecendo o collo, e sobre os seios crusou os braços cahindo de novo na mesma immobillidade.

Paulo aproximou-se; parou atraz da cadeira pousando-lhe as mãos no espaldar; embalou-a alguns segundos, reparando Luita no espelho.

Duas ou tres vezes os olhares de ambos se encontraram na liza superficie do crystal: elle esboçava um sorriso supplicante; ella franzia mais os sombrinhos e continuava immovel.

(Continúa)

ARABESCOS

O QUE PODE UMA MULHER

Uma mulher pôde dançar uma noite inteira, com uns sapatos com duas pollegadas de menos do que é necessario e ainda assim divertir-se.

Pôde passar pelo mostrador de uma modista sem parar, quando já perdeu o bond.

Pôde caminhar um dia e uma noite com uma criança em gritos nos braços, sem de-sejar torcer o pescoço á criança.

Quando ama, pôde supportar durante annos as faltas do marido, esquecendo tudo á primeira prova de amizade.

Pôde ir á igreja e descrever depois a toilette de cada uma das senhoras alli presentes, e em casos excepcionaes até pôde dar uma idéa do sermão que foi prégado.

Pôde olhar para o marido com expressão de Santa, quando elle préga alguma mentira sobre afazeres que o obrigam a ficar fóra de casa até de madrugada, sem dar demonstração de que bem conhece a mentira.

Pôde comprar n'uma loja meio metro de aerinó e pedir que lh'o mande levar a casa, depois de haver remechido e machucado um ponto de réis de fazendas de seda e tudo isto com tão amavel *blague* que o dono da

casa ainda lhe fica obrigado.

Pôde... enfim o que não pôde ella?

Pôde tudo. Só não pôde trepar em arvores.

T Y P O S E T Y P Õ E S

LUSTOS...

Que contradança, Lustosa,
Difficil de se dançar!
Tem o seu *que* de amargosa,
Que contradança, Lustosa!
Não tem musica sonora,
Mas tem de se requebrar!
Que contradança, Lustosa,
Difficil de se dançar!

CASCA...

Cascaes, tu tens na cachóla
Muito miôlo de...tripa,
Muita asnice que se evóla
Cascaes, tu tens na cachóla.
Precisas de *camisóla*
Com certeza, e de *chulipa*.
Cascaes, tu tens na cachóla
Muito miôlo de...tripa.

ERCIL...

Viraste, Ercilio, ou é peta.
A fazer verso em francez,
E versos muito pernetá?
Viraste, Ercilio, ou é peta?
A tua muza é maneta
E não sabe o portuguez...
Viraste, Ercilio, ou é peta,
A fazer verso em francez?

Gran...

Grant, que mágua damnada,
Não poder da *Companhia*
Reger a orchestra, oh massada!
Grant, que mágua damnada!
Ficaste com a bocca aguada
Do *Cardim* ante a harmonia,
Grant, que mágua damnada
Não poder da *Companhia*...

Lob...

Como cresce a porcaria
Meu Lobo, e tu não te importas!
Pelas ruas, dia á dia,
Como cresce a porcaria!
A's vezes a lixaria
Das casas invade as portas!
Como cresce a porcaria
Meu Lobo, e tu não te importas!

K. BOULO

Através do occorrido

No dia 16, embarcou para S. Paulo a companhia Braga Junior.

Depois de 15 noites seguidas de alegria e de successos, ella nos deixa cheios de tristeza e de saudades.

Desejamos intimamente que a companhia Braga Junior colha, em S. Paulo, tantos applausos como teve aqui, —mas...mais alguma *chêta*.

Já se acha de volta da sua excursão ao

sul, o dignissimo e illustradissimo promotor publico d'esta capital o sr. Arnizaut Furtado.

Cumprimentamos jubilosos a s.s.

Um grande barulho entre dois presos, no dia 17.

Facadas, ferimentos e escoriações, eis o resultado de tudo isso.

Na cadeia, como sabemos, ha sempre duas sentinellas; portanto é o caso de se perguntar:—onde estava a guarda?

No seu posto...Dormia.

S. ex. o dr. presidente da provincia *arremiazado* pela politica actual, embarcou, a 18, acompanhado do sr. Manoel Moreira, com destino á Laguna e d'ahi á futura capital—Lages—a terra dos *queijos* e da boiada.

Desejamos aos presidenciaes itinerantes uma viagem maravilhosa (mas sem ser como as de Julio Verne) e...boa indigestão *queijática*.

Na noite de 18, percorreu toda a cidade um barulhoso *Zé-Pereira* da sociedade *Diabo a Quatro*.

Por entre uma profusão enorme de fogos de bengala, o que se distinguia mais era uma engraçadissima critica aos *marinbundos* que ultimamente as moças deram em exagerar.

O *Zé-Pereira* fez brotar muito riso e muita ironia tambem.

Na noite de 19, houve a transladação da imagem de S. Sebastião.

De volta com a religiosidade da *ocasião*, namorava-se e bisnagueava-se largamente.

No dia 20, á tarde, voltou o Glorioso Martyr S. Sebastião para a sua capellinha, depois de ter passeado, á chuva, pelas ruas da cidade, as suas settas e as suas feridas.

Corialano d' Auvergne

ANNUNCIO

O Bittencourt, ó freguezes,
Tem um socio—o Joanico,
Há mais ou menos dois mezes,
O Bittencourt, ó freguezes,
Elle é acanhado, ás vezes,
Mas tem cobre, é rapaz rico...
O Bittencourt, ó freguezes,
Tem um socio—o Joanico.

Elles vendem bons calçados
Lá na rua da Cadeia;
Por preços abarataados
Elles vendem bons calçados.
São dois moços estimados
Que attrahem como sereia,
Elles vendem bons calçados
Lá na rua da Cadeia.



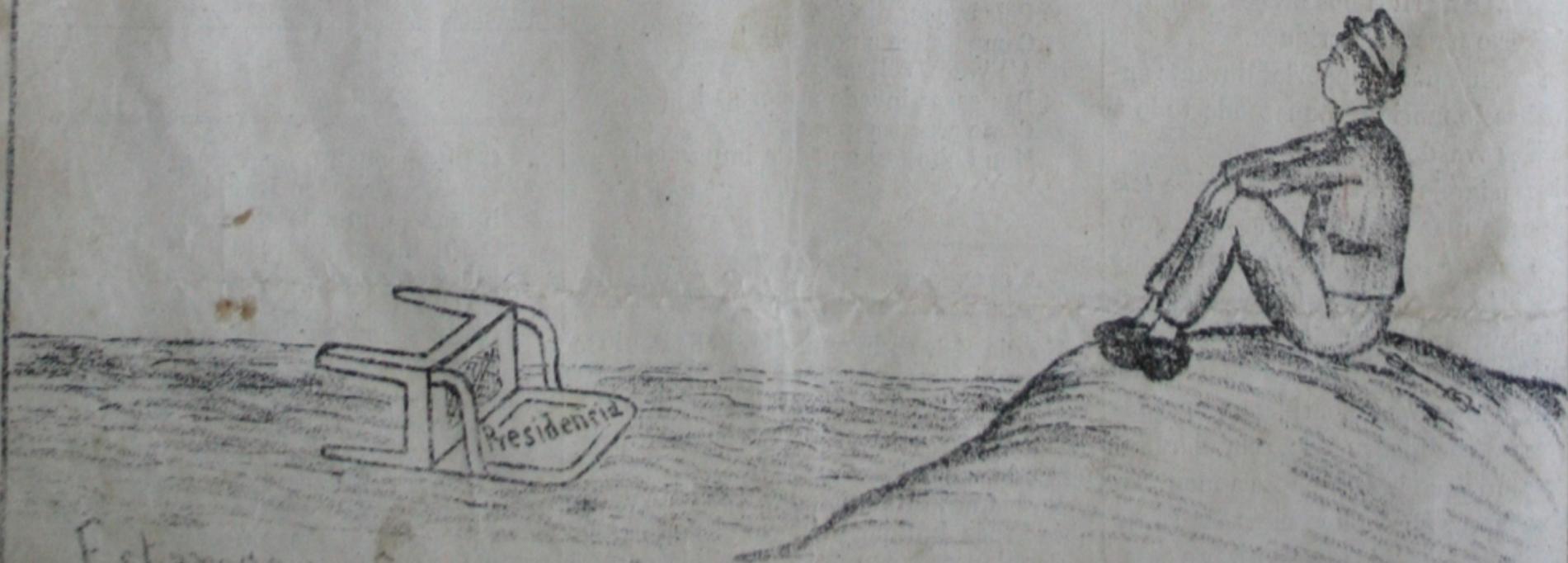
Irrisão! O sr. Paranaguá deixa-se levar cegamente para o lado conservador.



O Moléque depõe uma corôa de saudades sobre o tumulo do notavel e caridosissimo medico Dr. Fran^{co} Caetano dos Santos.



O sr. Paranaguá e os seus filhotes Hercilio Luz e José Raposo, S. Exa. prottegido como está pelo Conservador, vão tomando, muito justamente, pedradas de rachar e de...



Estarnos a vêr a presidencia por agua á baixo.....